

Árvore da Ciência Da Árvore Exemplifical Ramon Llull (c. 1295-1296)

e-Editorial IVITRA Poliglota. Estudis, Edicions i Traduccions / IVITRA Polyglot e-Publishing. Studies, Editions and Translations

Biblioteca de Clàssics de la Mediterrània- Corona d'Aragó / Library of Mediterranean Classics-Crown of Aragon



*Tradução
Felipe Dias de Souza
Ricardo da Costa*



www.digicotracam.ua.es



www.ivitra.ua.es

2010

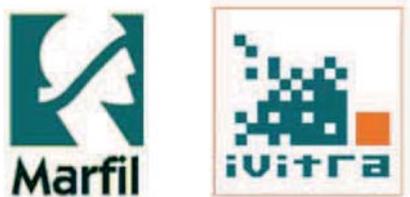
I.S.B.N. 978-84-693-7749-9

Edición electrónica al cuidado de Martines Peres, Vicent; Fuster Ortuño, Maria Àngels; Sánchez López, Elena; Ruiz Guardiola, Ramon; Navarro Aguado, Luis (todos miembros de los proyectos IVITRA, Digicotracam [Prometeo-2009-042]) / Edició electrònica a cura de Martines Peres, Vicent; Fuster Ortuño, Maria Àngels; Sánchez López, Elena; Ruiz Guardiola, Ramon; Navarro Aguado, Luis (tots membres dels projectes IVITRA, Digicotracam [Prometeo-2009-042])

Sèrie: e-Editorial IVITRA Poliglota. Estudis, Edicions i Traduccions / IVITRA Polyglot e-Publishing. Studies, Editions and Translations

Subsèrie: Biblioteca de Clàssics de la Mediterrànea- Corona d'Aragó / Library of Mediterranean Classics-Crown of Aragon

Editors



Compta amb el suport de:



The Anglo-Catalan Society

Associació Internacional de Llengua i Literatura Catalanes



Director de la Col·lecció / Series' Editor

Prof. Dr. Vicent Peres Martines (Universitat d'Alacant. Spain)

Consell Científic Internacional / International Scientific Committee

Prof. Dr. Hans-Ingo Radatz (Universität Bamberg. Germany)

Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa (Universidade Federal do Espírito Santo. Acadèmic corresponent Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona [RABLB])

Prof. Dr. Dominique De Courcelles (CNRS, École Nationale des Chartres. RABLB. France)

Prof. Dr. Jean-Marie Barberà (Université Aix-en-Provence. France)

Prof. Dr. Balázs Déri (Universitat Eötvös Loránd de Budapest, Hongria)

Prof. Dr. Kálmán Faluba (Universitat Eötvös Loránd de Budapest, Hongria)

Prof. Dr. AnnaMaria Annichiarico (Università di Roma Tre. Italy)

Prof. Dr. Annamaria Babbi (Università di Verona. Italy)

Prof. Dr. Costanzo Di Girolamo (Università Federico II, Nàpols, Italy)

Prof. Dra. Alfonsina Di Benedetto (Università di Bari. Italy)

Prof. Dr. Giuseppe Mazzocchi (Università di Pavia. Italy)

Prof. Dr. Coman Lupu (Universidad de Bucarest. Romania)

Prof. Dr. Robert Archer (Cervantes Chair, King's College, Londres. Institut d'Estudis Catalans [IEC]. United Kingdom)

Prof. Dr. Dominic Keown (Fitzwilliams College, University of Cambridge, United Kingdom)

Prof. Dr. Júlia Butinyà (Universidad Nacional de Educación a Distancia. RABLB. Madrid. Spain)

Prof. Dr. Julio Cabero (Universidad de Sevilla, Spain)

Prof. Dr. Antoni Ferrando (Universitat de València, IEC, RABLB, Acadèmia Valenciana de la Llengua [AVL]. Spain)

Prof. Dr. Albert Hauf (Universitat de València, IEC, AVL, Estudi General Lul·lià. Spain)

Prof. Dr. Francisco Franco Sánchez (Universitat d'Alacant. Spain)

Dra. Europea Maria Àngels Fuster Ortuño (Universitat d'Alacant. Spain)

Prof. Dr. Josep Martines (Universitat d'Alacant, IEC. Spain)

Prof. Dr. Juan Francisco Mesa Sanz (Universitat d'Alacant. Spain)

Prof. Dr. Pedro Mogorrón (Universitat d'Alacant. Spain)

Prof. Dr. Rosabel Roig Vila (Universitat d'Alacant. Spain)

Dra. Europea Elena Sánchez López (Universitat d'Alacant. Spain)

Prof. Dr. Manuel Serrano Espinosa (Universitat d'Alacant. Spain)

Árvore da Ciência (1295-1296)
Da Árvore Exemplifical¹

Ramon Llull (1232-1316)

Tradução de Ricardo da Costa (UFES)² e Felipe Dias de Souza



Ramon Llull entrega ao monge a *Árvore Exemplifical*. In: Munich, Bayerische Staatsbibliothek, **clm** (*codex latinus monacensis*), século XV, 10498, fol. 162r. A *Árvore Exemplifical* é um dos frutos mais belos da criação luliana. Trata-se de uma série entrelaçada de exemplos (*exemplá*) fantásticos e metafóricos, com personificações dos quatro elementos (fogo, água, terra e ar), da rosa, da pimenta, e até de um planeta (Saturno). Espécie de *delírio literário* narrado com o objetivo de *transformar ciência em literatura* e, com isso, facilitar a compreensão do conteúdo filosófico e científico de uma de suas grandes obras, a *Árvore da Ciência* (a *Árvore Exemplifical* é seu capítulo 15).³

I. Das Raízes da *Árvore Exemplifical*

Esta árvore é dividida em sete partes, isto é, raiz, tronco, braços, ramos, folhas, flores e frutos, e cada uma dessas partes é dividida em quatorze partes, como a primeira parte, que é das raízes das Árvores *Elemental, Vegetal, Sensual, Imaginal, Humanal, Moral, Imperial, Apostolical, Celestial, Angelical, Eiternal, Maternal, Cristianal* e *Divinal*, e o mesmo da segunda parte e das outras. Cada uma das sete partes é dividida em quatorze partes para que possam dar exemplos das naturezas e maneiras das árvores conforme suas raízes,

¹ Esse trabalho foi baseado no texto *Árvore da Ciência* (1295-1296), publicado em RAMON LLULL, *Obres de Ramon Llull* (ed. Salvador Galmés), Palma de Mallorca, 1917, vol. XI, Tom I, p. 799-1007 e RAMON LLULL. *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Editorial Selecta, 1957, vol. I, p. 799-842. Para facilitar a leitura, inserimos subtítulos temáticos, inexistentes no texto original.

² Medievalista da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). *Acadêmic correspondente* n. 90 da *Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona*. Site: www.ricardocosta.com

³ A obra de referência para este interessantíssimo texto luliano é PRING-MILL, Robert D. F. “Els Recontaments de L’Arbre Exemplifical de Ramon Llull: La Transmutació de la Ciència en Literatura”. In: *Estudis sobre Ramon Llull* (1956-1978). Catalunya: Curial Edicions Catalanes, Publicacions de l’Abadia de Montserrat, 1991, p. 307-318.

troncos, braços e as outras, e que tenham grande matéria para dar exemplos, para que nas quatorze árvores estejam todas as coisas explicadas e empregadas; e pelos exemplos que daremos se possa ter doutrina para se conhecer os segredos naturais e sobrenaturais, e pregar e ter moralidades boas, entretenimento e amizade das gentes. E mais: pode-se ter hábito universal para se entender muitas coisas prazerosas de entender e prazerosas de ouvir.

Desejamos dividir os exemplos que propomos dar em duas partes, isto é, em contos e em provérbios pesquisados conforme as naturezas das árvores. Propomos ter este processo nessa árvore. Mas como a matéria é grande, por causa de sua grandeza não poderemos proceder dessa forma, porque estamos muito ocupados. Assim, para que as gentes se esquivem da prolixidade, desejamos falar brevemente dessa árvore. Contudo, conforme o que diremos, daremos doutrina para que se possam encontrar novos provérbios e novos contos e estender o entendimento através da grande matéria dessa árvore.

I.1. Das raízes da *Árvore Exemplifical*

O fogo quer que seu calor seja bom para a água para que sua bondade tenha grande virtude. Por isso, a água disse ao ar que se lembrasse de sua doença. Então o monge pediu a Ramon que lhe expusesse aquele provérbio.

1. A Água e o Ar

“– Senhor monge”, disse Ramon, “contam que o ar jazia doente de duas doenças: uma por amor, e a outra por dor. Tinha a doença por amor porque estava descontente com a terra, que tinha ação sobre o fogo, o qual ele muito amava, e porque também desejava ser senhor da terra, que era sua inimiga; tinha a doença por dor porque sentia a secura que o fogo lhe colocava, secura que atormentava sua umidade.”

Por isso, a água disse ao ar que se lembrasse de sua doença, a qual tinha porque o fogo colocava nele seu contrário, razão pela qual o ar devia desamar o fogo. A água dizia isso para que o ar fosse contrário ao fogo e concordasse com ela. Mas o ar respondeu à água e disse que mais amava estar doente e ter uma boa amizade com o fogo que lhe dá sua semelhança que ser são e fazer contra seu amigo falta ou engano, pois nenhuma doença é tão grande quanto a doença da traição e do desconhecimento, que faz com que o homem desconheça os benefícios que recebe de seu senhor. Por isso, o ar disse que desejava estar sujeito e se submeter ao seu senhor, o fogo, para ter ação na água, na qual está sua senhoria, com grandeza de bondade e de virtude, pois grande virtude é o calor do fogo, que grande bem faz para que ela seja dona de seu amigo por concordância do amor, e de seu inimigo por contrária senhoria.

Chorou a água e disse ao ar que ele não sabia da falsidade que o fogo havia feito à terra. O ar perguntou à água que falsidade havia sido aquela. Respondeu a água que o fogo e a terra haviam feito companhia um ao outro, e prometeram que repartiriam igualmente tudo o que ganhassem.

2. A Terra e o Fogo

Aconteceu que a terra ganhou o ferro e o fogo ganhou o ouro, e quando foram fazer a divisão, a terra disse ao fogo que ele o fizesse com a intenção do fogo dar-lhe o ouro para ela dar-lhe sua secura. E mais: que como aquele que dividia dava sempre ao outro a maior parte do que aquele que recebia, ela acreditava que o fogo fizesse o mesmo. O fogo repartiu e deu à terra o ferro e ficou com o ouro. O ar respondeu à água que o fogo não tinha cometido falsidade em sua partilha, pois ela tinha tido falsa intenção na escolha ao dizer para o fogo fazer a divisão, o qual repartiu justamente para punir a terra da falsa opinião que havia tido.

O ar pediu à água que não ficasse em companhia da terra, pois ela havia feito companhia a ele e ninguém pode durar longamente entre dois contrários, já que ele e a terra estão em grande contrariedade. A água respondeu que aquela grande duração dura por paixão e por concordância. O ar maravilhou-se com o que a água dizia, e perguntou-lhe como podia durar uma companhia pela ação e pela paixão em concordância, já que a ação e a concordância são contrárias.

A água respondeu com essas palavras: “– Contam que a cor do fogo e a cor da terra se encontraram na chama, e tiveram concordância pela maneira da ação e da paixão, pois a terra disse ao fogo que ela, a quem ele dava sua secura, desejava ter sua cor no cume da chama e na fumaça que saía do fogo, além das coisas que o fogo queimava como o carvão, a fuligem e a pimenta.” O fogo respondeu que isso lhe causava muito prazer, pois sua cor permanecia tanto no meio da chama quanto no ferro quente e na brasa.

A terra disse ao fogo que não lhe daria sua secura, pois a dava ao ar, que é seu inimigo. O fogo então disse à terra que não sabia do poder da largueza. “– Fogo”, perguntou a terra, “qual é o poder da largueza?”

“– Contam”, disse o fogo, “que a largueza e a avareza se encontraram. A largueza dera tudo o que tinha e não podia dar mais, pois não tinha o que dar. Assim, pediu à avareza, que tinha muitas coisas, que lhe desse o que tinha, para que ela pudesse dar, já que estava doente porque não podia mais dar. A avareza desculpou-se, dizendo que não desejava dar nada, pois não desejava ter sua semelhança. Então a largueza recorreu àqueles a quem dera e àqueles a quem ainda daria, e todos ao mesmo tempo foram contra a avareza e dos bens que possuía a despoliaram, para que a largueza tivesse o que dar. A avareza ficou triste e doente, e disse essas palavras: ‘– Ah, como estou doente e desconsolada, pois o tesouro que longamente trabalhei, pelo qual tanta fome e sede suportei, com tantas desonras e tantos pavores passei, vejo minha inimiga dar a meus inimigos!’”

3. O Fogo e o Ar

O fogo e o ar se encontraram em um grande bosque em que o ar tinha procurado longamente a terra para se vingar de uma grande vilania que ela lhe fez. Mas no momento em que o fogo e o ar se encontraram, o Sol se pôs. Por isso, o ar pediu ao fogo que lhe desse luz por toda a noite para que pudesse encontrar a terra, que desejava muito encontrar. O fogo considerou longamente se daria luz para o ar para que ele encontrasse a terra, pois tinha vergonha de dizer não aos pedidos que o ar fazia, já que tinha consciência que, se mostrasse a terra, que era sua amiga, o ar a destruiria e a mataria. Enquanto o fogo assim considerava, o ar se maravilhou pelo fogo não lhe responder aos pedidos que fazia, e disse-lhe que sabia bem que ele não o amava muito, já que não respondia às preces que rapidamente lhe fazia para que ele lhe ficasse agradecido.

O fogo disse ao ar que ele não sabia o que a sabedoria havia respondido à vontade. “– E como foi isso?”, perguntou o ar. “– Contam”, disse o fogo, “que a vontade tinha um desejo muito grande de poder encontrar um homem que muito amava, e pediu à sabedoria que lhe mostrasse os caminhos nos quais pudessem encontrar aquele homem, o qual desejava encontrar para poder servi-lo e honrá-lo. A sabedoria disse à vontade que ela lhe fazia um pedido justo, e que de boa vontade lhe mostraria os caminhos nos quais poderia encontrar aquele seu amigo, caminhos que ela não lhe mostraria se soubesse que a vontade desejava matar ou cometer alguma vilania contra aquele homem, pois aquele homem que a vontade procurava muitas vezes lhe deu prazeres”.

O fogo perguntou ao ar se ele o amava tanto quanto amava a água, e o ar disse ao fogo que ele não fazia uma pergunta justa, já que pouco sabia da natureza do amor.

“– Ar”, perguntou o fogo, “e qual é a natureza do amor?”. O ar se calou e não quis dar nenhuma resposta ao fogo. Por isso o fogo se maravilhou fortemente, porque o ar não lhe respondia, e tantas vezes pediu que lhe respondesse até que o ar disse ao fogo estas palavras:

“– Contam que a vontade encontrou a sabedoria enquanto ia a uma cidade onde estava a memória, quando lhe veio a vontade de lembrar de seu amigo. E como a sabedoria era movida pela ira, que é inimiga da vontade, esta não recebeu bem a sabedoria até que lhe fossem mostrados os caminhos para que pudesse encontrar a memória. Mas como a vontade foi vencida pela memória que lembrou seu amigo, ambas fizeram uma grande festa e se distraíram tanto que a sabedoria ficou descontente com a vontade por que não havia feito um belo semblante a ela em seu encontro com memória. Assim, a sabedoria repreendeu a vontade diante da memória, dizendo-lhe que pouco lhe agradecera os prazeres que ela lhe dera. Desculpou-se a vontade, e disse que sentia um prazer muito maior em dar sua semelhança sem paixão que receber a semelhança de outro com sofrimento”.

4. A Água, a Pedra e o Ferro

A água andava por uma bela selva e encontrou a pedra e o ferro de onde nasce o fogo, quando então os blasfemou e lhes disse muitas vilanias, porque eles eram os motivos de sua doença quando ela estava no óleo e o fogo a aquecia e lhe retirava seu frio, que ela muito amava. A pedra e o ferro responderam à água, dizendo-lhe que o fogo foi vicioso em dar a ela sua virtude. Mas a água se maravilhou muito fortemente com aquelas palavras, e disse a eles que lhe parecia algo impossível, pois ninguém pode ser vicioso e dar virtude. Então ela pediu que lhe dissessem a maneira como ele dava a ela sua virtude. “– Conta-se”, disseram a pedra e o ferro, “que uma erva estava em um prado, e tinha a virtude de curar os homens leprosos de sua doença. A um leproso foi mostrada aquela erva, que ele comeu e foi curado de sua lepra pela virtude da mesma. Aconteceu que aquele homem foi defecar naquele prado e com aquela erva que o havia curado ele limpou seu cu. Por isso, a erva foi viciosa ao dar sua virtude tão fortemente àquele que a havia desonrado.”

“– Pedra e ferro”, perguntou a água, “qual virtude me dará o fogo quando eu estiver no óleo?” Responderam a pedra e o ferro, e disseram que a farinha e a água querem fazer o pão para com aquele pão dar a virtude ao homem com a qual ele possa viver, pão que fazem no forno com a virtude do fogo e sem a qual não podem fazer nem a virtude da vida, nem dá-la ao homem.

5. O Fogo e as duas Verdades

No fogo se encontraram duas verdades: uma era do calor e a outra da secura. Ambas as verdades perguntaram ao fogo com qual das duas ele se sentia mais bem guarnecido contra a falsidade e contra a água. O fogo disse à sua luz que respondesse àquela pergunta, mas a verdade da terra disse ao fogo que ele não havia elegido um juiz comunal, pois a luz tem concordância com o calor do dia, que é claro e quente, e é contra a secura da noite, que é fria e tenebrosa, em razão da sombra da terra. Respondeu o fogo ao frio da terra, e disse que em uma cidade aconteceu de um homem do povo ter pensado em uma maneira com a qual ele pudesse ser rei daquela cidade e matar o rei que era seu senhor natural.

Assim que aquele homem concebeu esse propósito, começou a imaginar uma maneira com a falsidade, porque a finalidade de seu propósito não podia vir com a verdade. Aquele homem adquiriu aquela maneira e, por esta razão, teve um poder muito grande naquela cidade contra o poder do rei, e o rei considerou uma maneira de destruir aquele homem. No princípio, ele considerou aquela maneira com a verdade. Por isso, a verdade e a falsidade fizeram uma batalha muito grande naquela cidade e, no fim, a falsidade foi vencida, porque concorda com o não-ser e a verdade concorda com o ser, ser que elegeu o rei para ser juiz de sua consciência contra a falsidade, que existe contra a caridade e concorda com as trevas.

6. A queixa do Ar contra o Fogo e a Terra

O ar reclamou à água que o fogo tinha prazer em atormentá-lo com a terra, pois ele tem prazer de receber o calor do fogo e ser-lhe obediente recebendo aquele calor. Mas como a água é inimiga do fogo, não quis consolar o ar, pelo contrário, falou muito mal do fogo, e quanto pior falava, mais o fogo atormentava o ar, porque ele acreditava na água. Estando o ar assim atormentado e cada dia seu tormento multiplicado, ele recorreu à terra, que era sua inimiga, reclamando do fogo com ela e dizendo que ele lhe fazia um grande mal. A terra respondeu ao ar e desculpou o fogo, dizendo muitas vilanias ao ar para que ele tivesse mais paixão e usasse sua natureza contra o ar, que é seu contrário. Estando assim atribulado, quanto mais clamava, mais atormentado o ar ficava, e assim não teve outra alternativa a não ser pedir ao fogo que dele tivesse piedade. Então o fogo disse ao ar estas palavras:

“– Contam que um rei tinha um cavaleiro que muito amava, e pelo grande amor que tinha, lhe fazia muitos honramentos, lhe dava dinheiros, cavalos e tudo o que necessitava. Quanto mais o rei dava ao cavaleiro, mais o cavaleiro amava o rei e mais fortemente se esforçava para servi-lo. O rei quis testar se o cavaleiro lhe tinha maior amor pelo que ganhava que por ser seu senhor, e ficou um bom tempo sem lhe dar nada para ver se o cavaleiro ficava tão satisfeito com o rei como freqüentemente fazia e se o servia tão bem como estava acostumado. E para testar melhor a intenção do cavaleiro, o rei tomou-lhe um bom castelo que lhe dera. Naquele momento, o cavaleiro partiu muito irado do rei e foi a um conde inimigo do

rei que o cavaleiro havia matado seu filho em uma batalha, e disse ao conde que desejava ser seu servidor para que ele pudesse se vingar do rei. Aquele cavaleiro e o conde estiveram em uma batalha contra o rei, e o cavaleiro foi preso. Então pediu mercê ao rei para que o perdoasse, devolvendo-lhe o castelo e seu amor. O rei respondeu-lhe que teria conselho com justiça e misericórdia: com justiça ele desejava ter conselho para saber se deveria puni-lo, e o mesmo com a misericórdia, para saber se deveria perdoá-lo. A misericórdia pediu ao rei que perdoasse o cavaleiro para que ela pudesse ser grande no rei, e a justiça aconselhou ao rei que o punisse, para que ela fosse maior nele que a misericórdia, já que ele é mais rei por ela que pela misericórdia. E mais: disse que o cavaleiro não tinha boa intenção ao pedir perdão, pois pedia para receber o castelo de volta. Então, como a justiça havia provado, o rei fez atormentarem o cavaleiro para que ele morresse uma má morte.”

7. A disputatio entre a Rosa e a Pimenta

A rosa e a pimenta falavam do fogo e da água. A rosa louvava a água porque ela multiplicava a bondade de muitas partes, ajustando uma parte à outra para que a bondade fosse grande na água. Por sua vez, a pimenta louvava o fogo porque ele dividia a bondade em muitas partes, já que, sob seu gênero, muitas substâncias são boas. Tanto estiveram a pimenta e a rosa nessas palavras que houve uma grande batalha entre elas, pois a pimenta dizia que mais vale aquela substância que se dá a muitos que aquela que se restringe e muitas coisas ajusta em si mesma, das quais muitas substâncias têm falta, e a rosa dizia o contrário.

Sobre isso a rosa e a pimenta foram à secura para que ela fizesse o julgamento, porque ela era a qualidade de ambas; mas a secura se desculpou e disse que não desejava ser juiz, dizendo essas palavras: “– Contam que um rei deu julgamento a dois cavaleiros que disputavam um castelo. O cavaleiro que não tinha um bom direito pelo castelo deu mil florins ao juiz para que ele julgasse a seu favor, e o cavaleiro que tinha bom direito no castelo deu ao juiz cem florins para que ele julgasse a seu favor. Por isso, o juiz decidiu a favor dos mil florins que dos cem, e falsamente julgou o castelo àquele que não devia tê-lo.” Por isso, por ela ser mais da parte da rosa que da pimenta, não queria ser juiz.

“– Aconteceu que o rei soube que o juiz havia adquirido mil florins daquele cavaleiro que havia recebido o castelo, e cem daquele que devia ter o castelo. Então fez vir os cavaleiros a seu Conselho, e perguntou se eles sabiam a razão pela qual um cavaleiro dera mil florins pelo serviço do juiz e o outro somente cem, já que aqueles cavaleiros eram iguais em riqueza. O rei tinha em seu Conselho um homem sábio e velho que disse que presumia que aquele cavaleiro que dera somente cem florins tinha direito pelo castelo. A razão disso é que aquele que tem o bom direito lamenta mais fortemente ter despesa em um pleito que aquele que não tem o bom direito, e que, por isso, gasta à vontade para ganhar o que não é seu. Então o rei fez um ordenamento em sua terra que aquele que desse mais ao juiz pelo seu serviço deveria ter má presunção, e àquele que desse menos, boa.”

8. O Fogo e a Água

O fogo quis enganar a água e pediu a ela que lhe ajudasse a fazer a pimenta, que é pequena, que ele a ajudaria a fazer a abóbora, que é grande, e assim ambos concordariam.

“– Contam”, disse a água, “que um cavaleiro pobre tinha um filho e um camponês rico tinha uma filha, e de ambos foi feito matrimônio para que o filho do cavaleiro fosse rico por sua mulher e a filha do camponês fosse honrada por seu marido, mas tal honramento da mulher tornou-se desonra quando os dinheiros foram gastos, e nessa paixão ela esteve todos os tempos de sua vida.”

A água contou esse exemplo para entender o engano que o fogo desejava lhe fazer, já que a pimenta dura mais que a abóbora, e o frio tem maior paixão na pimenta que ação na abóbora, até a pimenta ser pouca e a abóbora muita. Por isso, ela disse ao fogo que não desejava concordar com ele sob aquela semelhança, pois não poderia estar longamente na pimenta em adversidade.

O fogo pediu à água que fossem juntos ao Sol, porque no caminho poderiam ter amizade falando de umas coisas e outras. A água respondeu que dois contrários não iriam bem e plenamente em um caminho, e que o Sol é seu inimigo e amigo do fogo. Contudo, se o fogo desejasse ir com ela até a Lua, muito voluntariamente iria com ele por um caminho, e sob tal condição que fossem à Lua de noite, não de dia.

Os quatro elementos começaram então a fazer a pimenta: o fogo colocou quatro onças de leveza e a terra colocou três de peso; o ar colocou duas onças de leveza e a água uma de peso. Quando a pimenta foi criada, as seis onças desejaram se elevar e as quatro desejaram estar abaixo, na terra. A pimenta consentiu ao apetite das quatro onças e não quis consentir ao apetite das seis e, por isso, as seis onças disseram à pimenta que ela fazia algo contra a sua natureza ao estar mais em um lugar abaixo que acima, já que ela é maior pelos maiores apetites que pelos menores.

Naquele momento a pimenta respondeu com essas palavras: “– Contam que o vento elevou um grão de videira em uma alta montanha que era muito fria. Aquele grão se multiplicou em tronco e em braços, em ramos, folhas e flores, mas não podia fazer fruto por causa do grande frio que havia naquela montanha. E como ele havia tomado o princípio, a natureza e o ser no pé da montanha, desejava estar mais nos lugares baixos que nos altos, para poder fazer fruto e multiplicar sua espécie”.

O ar se colocou no meio do fogo e da água para que eles concordassem e todos os três ficassem contra a terra. Como o ar havia feito concordância entre o fogo e a água contra a terra, a terra não quis dar sua secura ao fogo, nem receber o frio da água conforme estava acostumada. Por isso, o fogo e a água ficaram contra a terra e o ar, e se colocaram no meio dos dois. Naquele momento o ar não quis receber o calor do fogo nem a umidade da água, até que a água e o fogo voltassem a ter concordância contra a terra, que não queria dar sua secura ao fogo, nem receber da água seu frio.

E assim, todas as vezes que queriam ter concordância, o fogo e a água estavam em sofrimento, porque se maravilhavam muito fortemente por não terem concordância nem pela terra, nem pelo ar. Então perguntaram a Saturno se ele sabia a razão e o motivo pelos quais não podiam ter concordância.

Saturno disse essas palavras: “– Contam que um eremita, que era um homem de vida muito santa, disse ao anjo que o guardava que se maravilhava muito fortemente como podia não ter nenhuma tentação de cometer pecado quando contemplava a Deus e assim que deixava de pedir e contemplar a Deus logo caía em tentações e cogitava coisas vãs. O anjo lhe disse que não havia nenhuma maravilha o fato de o homem estar tentado e cogitar coisas vãs, pois entre ele e Deus não há meio que o faça estar em concordância, já que simplesmente foi separado de toda natureza de pecado, de vaidades e contrariedades entre Deus e o homem.”

“– Isso”, disse Saturno, “o ar não tem quando vós desejais ter concordância com ele contra a terra, pois não estais distante da contrariedade na qual estais, até que desejais ter concordância no ar.” Naquele momento em que disse sobre o santo eremita, e pela natureza contrária na qual estavam, o fogo e a água entenderam a maneira segundo a qual os santos homens têm tentações e cogitam coisas vãs.

9. A Pimenta, filha do Fogo e da Terra

O fogo e a terra fizeram uma filha na pimenta, que tinha o nome de Maioridade, e o ar e a água fizeram naquela mesma pimenta uma filha chamada menoridade. Ambas as filhas foram mulheres da pimenta e de ambas nasceu um filho que matou seu pai. Por isso, o costureiro amaldiçoou as tesouras e a agulha. Naquele momento o monge pediu a Ramon que demonstrasse aquele exemplo.

“– Senhor monge”, disse Ramon, “contam que uma agulha engendrou uma filha de um costureiro que tinha o nome de Riqueza, e as tesouras engendraram uma filha que tinha o nome de Honramento. O costureiro tomou aquelas duas filhas como mulheres, e das quais teve um filho que, após sua morte, não quis dar um pedaço de tecido para cobri-lo. Assim, colocaram-no totalmente nu sob a terra, contra o honramento e a riqueza. Por isso, o costureiro amaldiçoou a agulha e as tesouras que tinham juntado a riqueza e dado honramento a seu filho. Mas as tesouras e a agulha se desculparam daquela maldição, dizendo que não tinham culpa, pois ele havia colocado a si mesmo em menoridade de riqueza e honramento e a seu filho em maioridade. Por isso, convinha que, na morte, ele e seu filho fossem contrários.”

“– Ramon”, perguntou o monge, “como era o nome desse filho?” Ramon respondeu que o filho do costureiro tinha o nome de *Privação do fim do honramento e da riqueza*.

Na pimenta, o fogo está em maioridade e a água em menoridade. Por isso, a água pediu ao ar e à terra que lhe ajudassem contra o fogo, pois não podia sustentar sua menoridade na maioridade do fogo. Então, o ar e terra responderam à água que ela não sabia o que uma boa senhora havia respondido ao seu mau marido. “– E como foi isso?”, perguntou a água. “– Contam”, disseram o ar e terra, “que um homem

que era muito rico tinha uma mulher, e lhe disse estas palavras: ‘– Eu desejo que vós sejais minha senhora e que de mim e da riqueza façais vossa vontade. Digo isso para que vós sejais boa, e que vossa bondade seja maior que a minha.’ A senhora respondeu com estas palavras: ‘– É impossível que se possa adquirir maior bondade com naturezas contrárias.’”

O fogo convidou o ar e a terra na pimenta para que lhe ajudassem contra a água, que igualmente lhe era contrária pelo frio e pelo peso. Ele desejava destruir essa igualdade destruindo a proporção igual que existe na pimenta. Porque destruindo a igualdade de ambas as qualidades na pimenta, conseguiria destruir a água, como a inveja que, destruindo a igualdade especial da amabilidade e da amabilidade, queria destruir a caridade entre dois irmãos.

“– E como foi isso?”, perguntaram o ar e a terra.

“– Contam”, disse o fogo, “que um grande mercador era um homem rico e tinha dois filhos, que em vida deu uma mulher a cada um, e na morte ordenou em seu testamento que ambos possuísem igualmente seus bens, tanto que enquanto fossem vivos, não poderiam dividir nada até a morte daquele que morresse primeiro. Isso fez o mercador, para que tivessem igual caridade. Então, a inveja pensou como poderia destruir aquela caridade, e disse ao primeiro filho gerado que não era conveniente que ele fosse igual ao seu irmão em riqueza e em honramento, pois Deus o havia feito nascer primeiro. Por isso, ele deveria tratar com a corte que eles dividissem com seu irmão e ele tivesse a maior parte da riqueza. Então, aquele respondeu à inveja, e disse que ela não sabia a intenção pela razão da qual seu pai havia feito aquele testamento.

“– E qual intenção teve o seu pai?”, perguntou a inveja, “– Em fazer o testamento?”

“– Inveja”, disse o primeiro nascido, “nosso pai matou um homem dessa cidade e que tem um filho, com tanta riqueza como nós temos, e quis que nós não dividíssemos a riqueza para que tivéssemos grande caridade. E se ele deixasse a maior parte para mim e a menor para meu irmão, a caridade não existiria em igualdade, e nosso inimigo poderia matar primeiramente meu irmão, que estaria em menoridade de poder, e depois a mim. Por isso mesmo, inveja, não faleis tais palavras.”

10. O encontro do Fogo com a Água

Conta-se que o fogo saiu em romaria, e também a água, e ambos encontraram-se no caminho. O fogo disse à água estas palavras: “– Nessa terra há muitos cavaleiros que são meus amigos e que fariam tudo o que eu quisesse, pois muitas vezes eu tenho dado prazer a eles.”

Enquanto o fogo assim falava, conforme as palavras que ele dizia, a água percebeu que o fogo tinha pavor dela. Por isso, entendeu que ele tinha menor virtude e menor poder que ela, pois se ela tivesse menor poder e menor virtude que o fogo naquela terra na qual se encontravam, teria pavor antes do fogo, pavor que teve somente depois que o fogo disse aquelas palavras. E como considerou que o fogo começou a ter pavor antes que ela sentiu-se virtuosa e forte contra o fogo, e então combateu e venceu o fogo, que dizia que naquela terra havia cavaleiros amigos seus para que a água tivesse pavor. Então disse ao fogo que não tinha pavor do que não via, pois ouvia.

Dissemos das raízes e demos a maneira segundo a qual se saiba aplicar à moral, conforme nós aplicamos. E como nos esquivamos da prolixidade, passamos ao tronco das árvores.

